

As plantas têm alma?

Valdemar W. Setzer

Fonte: Rede Espirit Book em 9/5/2011



O coordenador da rede Espirit Book, Henrique Régis, perguntou-me se plantas também têm alma. Recordando o que já escrevi nessa rede, o ser humano é composto de corpo, alma e espírito. Infelizmente, há muita confusão entre alma e espírito, em parte por causa do Concílio de Constantinopla, em 869, que instituiu o dogma de que não havia espírito no ser humano, e a alma foi decretada como tendo algumas características do espírito. As igrejas ortodoxas continuaram, e continuam, admitindo aquela trimembração do ser humano, e isso foi uma das causas da sua separação da Igreja Católica. Na Antroposofia, esses termos são bem caracterizados, vejam-se por exemplo meu texto “Uma introdução antroposófica à constituição humana” em <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/const1.htm>, o livro de R. Lanz *Noções Básicas de Antroposofia*, e o livro de Rudolf Steiner *Teosofia*, ambos editados pela Editora Antroposófica.

Vou ser muito breve. Com o espírito, o ser humano atinge o mundo espiritual, por exemplo o mundo platônico dos conceitos; estes não existem fisicamente. Trata-se, assim, de uma atividade do interior para o exterior, ou vice-versa, só que esse exterior não é físico. Pelo contrário, a atividade da alma é algo puramente interior. No ser humano, há três atividades anímicas básicas: o pensar, o sentir (ter sensações e ter sentimentos) e o querer (vontade que leva a ações) – note-se como são todas atividades puramente interiores. Uma sensação pode depender de, por exemplo, uma percepção

sensorial, mas a sensação em si – uma das incógnitas do conhecimento científico atual – é interior, e não é física, apesar de ser acompanhada por processos físicos nervosos. Normalmente, o pensar está baseado nas vivências sensoriais ou na memória. No entanto, é fundamental saber que é possível desenvolver um pensar independente dessas vivências ou da memória – é por meio desse pensar consciente, totalmente desligado do mundo físico, que hoje em dia deve-se fazer observações conscientes do mundo espiritual, pois só o pensar pode nos dar certeza do que observamos.

Pois bem, se na trimembração do ser humano tomar-se o “corpo” como sendo nosso corpo físico, ficará faltando algo: nossas atividades vitais, como o crescimento, a regeneração dos tecidos, o metabolismo etc. A ciência corrente, sendo materialista, acredita (sim, para a quase totalidade dos cientistas isso é uma crença) que todos os processos vitais são puramente físicos, e as suas pesquisas partem sempre desse princípio limitador. Por exemplo, um neurocientista diria: “É lógico que o pensamento é gerado pelo cérebro, como poderia ser de outra maneira?” Note-se que, cientificamente, no máximo se poderia dizer que o cérebro participa de certos processos mentais, e não que os gera, pois esses processos não são conhecidos em detalhe. É interessante notar que a ciência não consegue definir o que é “vida”. Houve uma tentativa disso quando se descobriu o DNA e se começaram as manipulações genéticas, mas o resultado foi nulo em relação àquela definição. A esse respeito, veja-se meu artigo de vários anos atrás, mas ainda atual, “Desmistificação da onda do DNA”, em <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/DNA.html> .

Passemos à vida e aos processos vitais. Nossos processos fisiológicos passam-se no corpo físico mas são consequências de processos não físicos. Por isso as orelhas de uma pessoa não param de crescer durante toda a vida, mas conservam em geral uma grande simetria. Como se poderia imaginar que uma célula de uma orelha se subdivide e envia uma mensagem à célula correspondente na outra orelha para ela se subdividir também senão a simetria é quebrada? (Bem, a simetria não chega a esse ponto, e o processo de subdivisão celular não é tão preciso, trata-se apenas de um exemplo ilustrativo.) Tudo se passa como se um modelo mental controlasse o crescimento das orelhas; isso se aplica a todas as formas de nosso corpo, tanto os tecidos como os órgãos aos pares, simétricos (como as mãos), ou únicos (como o coração). Por exemplo, a formação do coração no embrião é uma sequência de processos incrivelmente fantásticos, com dobramentos, rolagens, esticamentos etc. É preciso ter pensamento muito simplista para achar que todos os maravilhosos processos de crescimento e regeneração são controlados por algo físico como os genes – que, obviamente, também participam dos processos. É por isso que, mudando-se alguns genes, pode-se mudar alguma forma de um ser vivo. Ora, um modelo mental, seguido na formação e na regeneração de um órgão ou tecido, não é físico. Portanto, algo não físico controla esses processos. Esse controle não é exercido nem pela alma, e nem pelo espírito, que se dedicam a outro tipo de processos. Assim, temos que postular a existência de um outro membro do ser humano. Para simplificar, vou fazê-lo dividindo em duas partes o “corpo” que ocorre na trimembração do ser humano: uma parte puramente física, nosso “corpo físico” e outra parte que não é física, que denominarei de “corpo vital”; não confundir com o corpo vital das teorias vitalistas – estas eram materialistas. Na Antroposofia ele foi denominado por Steiner de “corpo das forças formativas” ou, seguindo uma antiga tradição esotérica, de “corpo etérico”; não confundir com as velhas teorias do suposto éter da Física, que era físico, e por meio do qual achava-se que as ondas eletromagnéticas se propagavam – aliás, não se sabe até hoje, se são ondas, como elas se propagam.

Portanto, nossa vida é devida a um membro não físico que temos em nós, e que está fora da alma e do espírito. Ultimamente tenho sido bem radical no seguinte. Parece-me que nenhum processo de um ser vivo é puramente físico: sempre é acompanhado por uma ação do corpo etérico do ser ou produzido por este.

Pois bem, todos os seres vivos têm esse “corpo vital” não físico, que lhes dá a vida e as formas orgânicas características da espécie. No entanto, plantas não têm processos puramente interiores, como sensações e sentimentos, como nós e os animais os temos, e que são devidos à alma presente em nós e neles. Aliás, para isso deveria haver um sistema nervoso, uma base física para esses processos não físicos, que as plantas não têm. Portanto, plantas não têm alma. Seria necessário entrar em detalhes sobre a distinção entre plantas e animais para se compreender melhor o fato de o corpo vital não fazer parte da alma; infelizmente isso alongaria ainda mais este texto. Para essa compreensão, é recomendável aprofundar-se no estudo dos textos citados no início.

Alguém poderia objetar o seguinte: nesse caso, como acontece de pessoas influenciarem o crescimento de certas plantas quando as tratam, por exemplo, com carinho? Parece-me que nesse caso existe uma atuação no plano etérico.